

CARACTERIZAÇÃO DA PESCA ARTESANAL E O CONHECIMENTO PESQUEIRO LOCAL NO VALE DO RIBEIRA E LITORAL SUL DE SÃO PAULO

Milena Ramires¹; Walter Barrella²; Andréia Martucci Esteves³

^{1,2} Universidade Santa Cecília & Fisheries and food Instituto – FIFO - (milena@unisanta.br, walter@unisanta.br);

³ Universidade Santa Cecília - (andrea.biomar@yahoo.com.br)

RESUMO

No Vale do Ribeira e Litoral sul de São Paulo a pesca é uma atividade importante e de grande relevância social e econômica. Este trabalho teve como objetivo caracterizar a pesca artesanal nas comunidades dos municípios de Peruíbe, Ilha Comprida, Iguape, Cananéia, Juquiá e Registro. As entrevistas foram realizadas nos pontos de desembarques pesqueiros ou locais em que desenvolviam atividades relacionadas à pesca. Pode-se traçar o perfil dos pescadores que há muitos anos residem nas comunidades estudadas. Os resultados revelaram que a maioria deles são do sexo masculino e possuem escolaridade referente ao ensino fundamental incompleto. Foram identificadas diversas atividades econômicas para complementar a renda familiar além da pesca artesanal. Os ambientes explorados variaram entre o mar, os rios Ribeira, Quilombo e Juquiá, o estuário e o canal de Cananéia. A rede de espera foi citada como principal método de pesca no município de Peruíbe, enquanto Registro apresentou o método covo como sendo principal. A diversidade de espécies potencialmente exploráveis pela pesca artesanal é grande, entre as mais capturadas e mais comercializadas podemos citar a tainha (*Mugil sp.*), o parati (*Mugil sp.*), a pescada (*Cynoscion sp.*) e o robalo (*Centropomus sp.*). Os pescadores atribuem o sucesso ou fracasso das atividades pesqueiras principalmente a algumas variáveis de condições ambientais. Através dos dados obtidos concluiu-se que a pesca artesanal, apesar de não ser a única ou principal atividade econômica, ainda é praticada diariamente pela maioria dos pescadores entrevistados e caracteriza peculiaridades da cultura caçara, os valores, as tradições, os costumes e a percepção acerca meio ambiente. Faz-se necessário o desenvolvimento de um plano de manejo dos recursos naturais nas regiões estudadas para que se torne sustentável a permanência dessas comunidades e que promova a valorização do pescador tradicional.

PALAVRAS – CHAVE: Pescadores artesanais, recursos pesqueiros, etnoecologia

1. INTRODUÇÃO

A pesca artesanal é considerada uma das atividades mais antigas exercidas pelo homem em período anterior ao Neolítico, esta por sua vez proporcionou aos pescadores adquirir um vasto conhecimento ao longo de vários séculos sobre os aspectos relacionados ao ciclo de vida das espécies capturadas, a época de sua reprodução e a concentração de cardumes (DIEGUES, 2004). Além disso, beneficia as populações litorâneas, quanto ao elevado nível de emprego com grande potencial para o desenvolvimento social e econômico destas populações, proporcionando maiores conhecimento e exploração nos setores de pesca como um todo. Esta atividade constitui uma ampla diversidade cultural das populações de pescadores (DIEGUES, 1993).

No Brasil, a pesca artesanal (dados de 2002) foi responsável por 60% das 535.403 toneladas de recursos pesqueiros estuarinos e marinhos desembarcados (Vasconcellos *et al.* 2007). Estudos apontam que a produção nacional de pescado é constituída pela pesca artesanal, industrial e do cultivo de organismos aquáti-

cos. No setor de pesca artesanal estima-se que aproximadamente 700.000 pescadores estejam envolvidos, sendo representados por 400 colônias distribuídos entre 23 Federações Estaduais. Em relação a distribuição por regiões, 21% atuam na Região Norte; 39% na Região Nordeste; 18% na Região Sudeste e 22% na Região Sul. Diferentes ecossistemas contribuem para a produção dos pescados, onde a água doce contribui com 25% da produção total e a água salgada com 75%. Em escala nacional, cerca de quatro milhões de pessoas incorporam a atividade pesqueira no seu dia-a-dia de maneira direta ou indireta (BORGHETTI, 2000). Pelo exposto pressupõe-se que a pesca artesanal no cenário nacional exerce grande importância.

O ambiente natural de exploração da pesca artesanal sofre constantes mudanças, contudo as atividades estão restritas ao limite imposto pelo meio ambiente, relacionados por vezes ao baixo esforço de pesca e incertezas de clima, tempo, viabilidade de peixes, entre outros fatores que alteram as estratégias utilizadas e as viagens em busca do pescado (Begossi, 1992; Diegues, 1988). Segundo Borghetti (2000), a proteína brasileira utilizada pela população provém da

pesca e aqüicultura, sendo esta de grande importância.

Segundo a Organização Internacional do Trabalho, os pescadores são definidos como trabalhadores que se dedicam a todo o processo do setor pesqueiro, desde à captura de pescado até tarefas diversas relacionados a ela. Sendo assim, exercem as funções de membros das tripulações de barcos pesqueiros, executando diversas tarefas de pesca que podem ser comparadas aos pescadores marítimos (Maldonado, 1986). O Código de Pesca e Aqüicultura do Estado de São Paulo, (Lei Nº 11.165, de 27 DE junho de 2002) reza, no Artigo 34 que "*pesca artesanal é aquela praticada diretamente por pescador profissional, de forma autônoma, em regime de economia familiar ou em regime de parceria com outros pescadores, com finalidade comercial*".

Segundo Seixas e Begossi (2000), para se estudar o manejo dos ecossistemas aquáticos relacionados à estoques pesqueiros, deve-se observar o comportamento dos pescadores e as estratégias para obter os recursos. Marques (2001), afirma que alguns grupos de pescadores possuem conhecimentos específicos sobre o ciclo de vida das espécies, estes são acurados e compatível com o conhecimento ictiológico acadêmico. Tal conhecimento é suficiente para o entendimento do comportamento das espécies em um sistema de presa/predador, onde agregam valores culturais que permitem habilita-os à manipulação de cadeias tróficas.

Entender as comunidades e o ambiente em que vivem requer uma série de estudos, nos quais o envolvimento se dá através de dois principais componentes que não estão relacionados e são independentes entre si: deve-se observar o modo de vida da comunidade estudada, compreendendo situações de vivências práticas e atentar –se a saber como se dá a utilização dos recursos naturais locais, bem como a cultura e tradição existentes (Silva *et. al*, 2007)

Nessa perspectiva, o presente trabalho teve como objetivo caracterizar a pesca artesanal no Vale do Ribeira e Litoral Sul do Estado de São Paulo, em relação aos métodos, apetrechos e pontos de pesca utilizados, as espécies de peixes capturadas, a sazonalidade das espécies, bem como o perfil dos pescadores, a opinião e conhecimento deles sobre a pesca na região.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

ÁREA DE ESTUDO

O Vale do Ribeira está localizado no sul do Estado de São Paulo, compreendendo 30 municípios, dos quais 21 se encontram no Estado de São Paulo (porção sudeste) e o restante no Estado do Paraná (porção leste). Geograficamente ocupa uma extensa área representada pela Bacia Hidrográfica do Ribeira de Iguape e o Complexo estuarino-lagunar de Iguape-Cananéia-Paraná ou Lagamar (25°S-48°W) com cerca de 3.287 km², dentre outras sub bacias interligadas. (ISA, 1998). Segundo a Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo (1998) no Vale do Ribeira estão as principais unidades de conservação do

estado de estado de São Paulo e foi titulado, pela UNESCO, como Patrimônio Natural da Humanidade, em 1999. Também compreende o maior remanescente contínuo de Mata Atlântica. Habitam em sua extensão comunidades indígenas, ribeirinhas, caçaras, remanescentes de quilombos e pequenos agricultores familiares. A região é evidenciada pela alta diversidade ecológica e preservação de seus biomas naturais, Marques e Ferrarini (2007).

No litoral sul do Estado de São Paulo encontramos o município de Peruíbe caracterizado por abranger parte da Estação Ecológica Juréia-Itatins e constituir uma Área de Proteção Ambiental, esta que segundo Oliveira (2004), possui uma relevante importância ambiental justificada pelo fato desta porção da Mata Atlântica (Floresta Tropical Úmida) associar uma série de ecossistemas (dunas, restingas, manguezais e campos de altitude), onde também foi desenvolvida esta pesquisa.

METODOLOGIA

A presente pesquisa foi realizada nos municípios de Iguape, Cananéia, Ilha Comprida, Peruíbe, Registro e Juquiá. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas feitas com os pescadores artesanais que, há muitos anos residem nas comunidades estudadas e possuem um maior conhecimento e envolvimento com a pesca e os peixes da região. As entrevistas foram baseadas em questionários semi-estruturados, onde foram coletados dados gerais dos informantes como importância da pesca artesanal no orçamento familiar, relação com outras atividades econômicas, tempo de pesca, frequência das pescarias, locais utilizados para a pesca, métodos e aparelhos utilizados, espécies frequentemente capturadas e mais comercializadas, época de maior intensidade da pesca, forma de comércio, locais de venda e melhores épocas do ano para a prática da pesca. As entrevistas foram realizadas nos pontos de desembarques pesqueiros ou, em outras situações, onde os pescadores encontravam-se desenvolvendo atividades relacionadas à pesca como, por exemplo, limpeza e concerto de redes e aparelhos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizadas 174 entrevistas com pescadores artesanais residentes em diversas comunidades localizadas nos municípios estudados. A idade média dos pescadores entrevistados foi de 44.29 anos em Iguape, 45.66 anos em Cananéia, 52.64 anos em Peruíbe, 39.69 anos em Ilha Comprida, 56.5 anos em Registro e 42.5 anos em Juquiá. A maioria dos entrevistados é do sexo masculino e possui escolaridade referente ao ensino fundamental incompleto. A importância da pesca no orçamento familiar variou bastante entre os municípios estudados e foram identificadas diversas atividades econômicas realizadas pelos pescadores, além da pesca artesanal. Estes dados e outros relacionados à frequência das pescarias e o tempo de pesca dos pescadores estão especificados na tabela 1

Tabela 1: Perfil sócio econômico dos pescadores artesanais.

	Iguape (N=71)	Cananéia (N=54)	Peruíbe (N=20)	Ilha Comprida (N=17)	Registro (N=7)	Juquiá (N=5)
Faixa etária						
Média	44.2	45.6	52.6	39.6	56.5	42.5
Mínima	19	25	14	21	41	24
Máxima	80	72	62	76	54	68
Sexo (%)						
Masculino	98.6	100	90	100	100	60
Feminino	1.4	-	10	-	-	40
Escolaridade (%)						
Fundamental incompleto	59.1	72.2	45	52.9	57.1	40
Fundamental completo	9.8	1.8	25	5.8	28.5	-
Médio Incompleto	4.2	3.7	-	11.7	-	-
Médio Completo	5.6	5.5	5	5.8	-	-
Analfabeto	7.0	12.9	-	5.8	14.2	60
Importância da Pesca (%)						
Total	49.2	62.9	55	17.6	14.2	-
Parcial	35.2	20.3	25	41.1	42.8	40
Pequena	9.8	16.6	10	23.5	28.5	60
Outras Atividades (%)	Pedreiro 11.2 Comércio 7.0 Funcionário Público 7.0 Agricultor 7.0 Caseiro 2.8 Aposentado 1.4 Piloteiro 1.4	Piloteiro 7.4 Aposentado 5.5 Pedreiro 3.7 Redeiro 3.7 Caseiro 3.7 Comércio 3.7 Funcionário público 3.7	Piloteiro 10 Comércio 5 Pedreiro 5 Redeiro 5 Aposentado 5	Piloteiro 17.6 Comércio 17.6 Pedreiro 17.6	Pedreiro 14.2 Pintor 14.2	Operador de draga 40
Frequência de Pesca (%)						
Diária	77.4	57.4	30	64.7	28.5	-
Semanal	11.2	25.9	30	23.5	-	-
Quinzenal	4.2	9.2	5	-	-	-
Mensal	-	-	-	-	-	40
Tempo de pesca						
Média	24.8	30.2	24.0	24.6	27.4	18
Mínima	1	10	10	10	15	10
Máxima	65	60	55	38	60	22

A pesca artesanal antes desenvolvida como forma de subsistência, hoje já não mais é a única atividade econômica das comunidades litorâneas. Em todos os municípios onde a pesca artesanal foi analisada, os pescadores também desenvolvem outras atividades para complementar a renda familiar. E dentre estas atividades as principais estão relacionadas ao turismo, como bares, restaurantes, pousadas, prestação de serviços em casas de veraneio, aluguel de barcos para passeios e para a pesca esportiva, entre outras. Segundo Sanches (1997), os pescadores artesanais que antes viviam exclusivamente da pesca artesanal e de outras atividades ligadas à agricultura e ao extrativismo, têm deixado tais atividades para subsistirem do turismo.

Em algumas comunidades caiçaras de outras regiões, a pesca artesanal ainda é desenvolvida como principal fonte de renda, como por exemplo as comunidades do Parque Estadual de Ilhabela (SP), onde

Maldonado (1997) aponta que a pesca, além de ser a principal fonte de renda, é também em 80% dos casos praticada como forma de subsistência. A pesca artesanal também é a principal atividade econômica da comunidade de Marituba do Peixe no Rio São Francisco (Silva et al., 1990) e no Vale do Ribeira onde segundo a Secretaria do Meio Ambiente (1998), a pesca artesanal é uma das atividades econômicas mais importantes.

Uma característica da atividade pesqueira é o tipo de ambiente que os pescadores exploram, diversos pontos de pesca são utilizados pelos pescadores entrevistados. O mar é o principal ambiente explorado em Peruíbe (15%) e Ilha Comprida (82.3%), enquanto que em Iguape, o Rio Ribeira (32.4%) foi o ponto de pesca mais citado, junto com a Barra do rio, região de estuário citada por 23.9%; em Cananéia o principal ponto de pesca é o canal citado por 40.7% (também chamado pelos pescadores de Mar Pequeno); em Re-

gistro o principal tipo de ambiente são os rios Ribeira (42.8%), Quilombo e Juquiá (14.3% cada). Em Juquiá o único ponto de pesca citado foi mesmo o Rio Juquiá.

Em um estudo realizado por Clauzet (2000) na Enseada do Mar Virado, em Ubatuba, os pescadores utilizam três regiões diferentes para armarem suas redes: a baía da Enseada, o entorno de uma ilha próxima (Ilha do Mar Virado) e a região costeira do mar. Segundo esta autora os métodos de pesca são escolhidos de acordo com os locais de pesca e os locais são escolhidos de acordo com as espécies-alvo das pescarias, que variam de acordo com a época do ano.

De acordo com Vieira et. al (1998), variações abióticas (pluviosidade, intensidade e direção do vento, temperatura da água, salinidade e transparência) são importantes fatores que determinam a abundância e diversidade das espécies presentes nos estuários

Ramires e Barrella (2003), em estudo com pescadores da Estação Ecológica Juréia-Itatins (SP) rela-

tam a diferenciação em relação ao habitat como sendo "peixes de água doce" e "peixes marinhos".

A diferenciação da captura do pescado relacionado ao diferente tipo de habitat contribui para o entendimento da importância da diversidade de pontos de pesca nas comunidades estudadas, Clauzet et al. (2005), por exemplo, encontraram relação entre peixes e seus etnohabitats em diversas categorias em estudos com comunidades caiçaras do litoral de São Paulo. Os peixes são também categorizados pelos pescadores conforme sua posição na coluna d'água.

Neste estudo a rede de espera foi citada como principal método de pesca nos municípios de Peruíbe (100%), Ilha Comprida (88.2%), Cananéia (70.4%) e Iguape (52.1%), enquanto em Registro o principal método foi o covo (71,4%). Além da rede de espera, vários outros métodos de pesca também foram citados pelos pescadores entrevistados conforme mostra a tabela 2.

Tabela 2: Métodos de pesca utilizados pelos pescadores artesanais.

Métodos	Iguape (%)	Cananéia (%)	Peruíbe (%)	Ilha Comprida (%)	Registro (%)	Juquiá (%)
Arrasto	18.3	24.1	5	11.8	-	-
Caceio	8.4	1.8	-	11.8	-	-
Cerco fixo	1.4	9.2	-	17.6	-	-
Corrico	53.52	3.7	-	11.8	28.6	-
Covo	1.4	-	-	-	71.4	-
Espinhel	-	7.4	-	5.9	-	-
Jerival	1.4	1.8	-	5.9	-	-
Lanço	2.8	13	-	23.5	-	-
Linha de mão	-	1.8	-	-	-	-
Picaré	2.8	-	20	-	-	-
Puçá	2.8	-	-	-	-	-
Rede de espera	52.1	70.4	100	88.2	57.1	40
Tarrafa	16.9	7.4	5	-	-	-
Vara	9.9	16.7	15	29.4	-	60

Ramires & Barrella (2003), em estudo realizado nas comunidades de Barra do Una e Guarú (Peruíbe/SP), apontaram a "rede de espera" como principal método de pesca. Em outras comunidades caiçaras, a rede de espera também é o método mais utilizado. Brandão & Silva (2008) mencionaram a opinião dos pescadores do Amapá: "As redes de espera ou "malhadeiras" são indicadas como boas para captura e estão entre os apetrechos mais utilizado pelos pescadores"

Ao contrário do que acontece na comunidade de Arraial do Cabo (RJ) onde Monteiro-Neto et. al

(2010) relataram como principais métodos de captura a pesca de cerco de traineira, pescaria de linha, pescaria de espinhel e arrasto de praia, sem fazer menção à rede de espera.

A diversidade de espécies potencialmente exploráveis pela pesca artesanal dos municípios estudados é grande, porém algumas espécies são mais capturadas e mais comercializadas pelos pescadores. Conforme mostra a tabela 3, espécies como a tainha (*Mugil sp.*), o parati (*Mugil sp.*), a pescada (*Cynoscion sp.*), o robalo (*Centropomus sp.*) são freqüentemente mais capturadas e comercializadas.

Tabela 3: Espécies de peixes mais capturadas e mais comercializadas.

Espécies	Iguape	Cananéia	Peruíbe	Ilha Comprida	Registro	Juquiá
Bagre	14.1	22.2	5	41.2	-	-
Corvina	8.4	35.2	35	29.4	-	-
Manjuba	80.3	-	5	-	71.4	-
Parati	8.4	35.2	5	29.4	14.3	-
Pescada	2.8	29.6	10	58.8	14.3	-
Robalo	59.1	50	65	76.5	-	-
Salteira	1.4	7.4	-	-	-	-
Sardinha-branca	26.8	13	60	-	-	-
Sororoca	-	22.2	5	-	-	-
Tainha	64.8	55.5	95	76.5	100	60

Segundo Diegues (1995), os conhecimentos sobre o meio de exploração, as condições de marés o uso e manipulação dos apetrechos de pesca e a identificação dos pesqueiros são em conjunto os elementos que caracterizam a pesca artesanal.

Cada um dos municípios estudado apresentou características que os diferem. E essas características são visíveis nos instrumentos de pesca, na forma como

são empregados e nos ambientes onde são utilizados. Dessa forma, os pescadores avaliam as condições ambientais para a prática da pesca e observam entre outras coisas a qualidade dos pesqueiros utilizados, a influencia da lua e da maré, bem como a influencia da chuva na atividade pesqueira. A figura 1 mostra a opinião deles sobre a qualidade dos ambientes para a pesca da região.

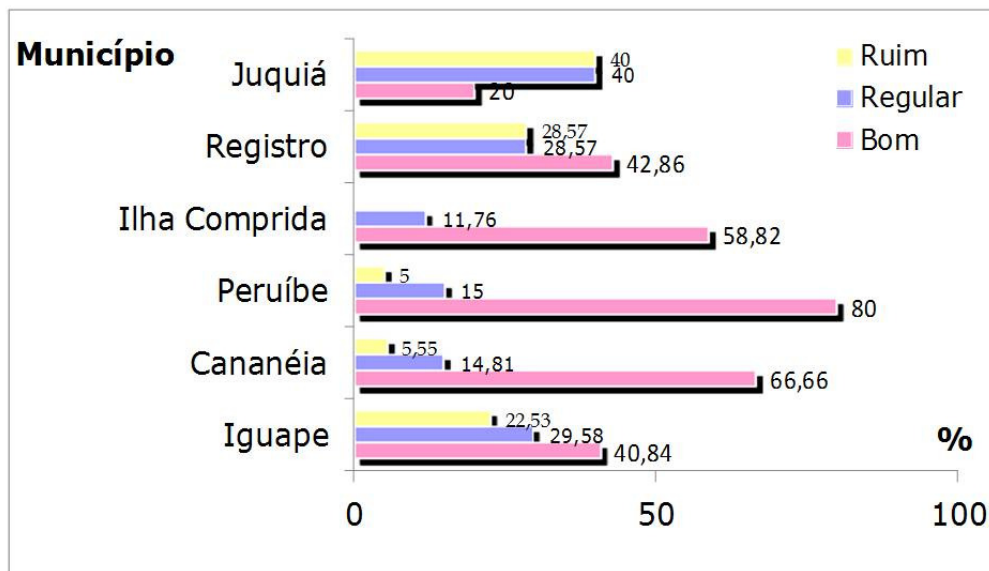


Figura 1: Opinião dos Pescadores Artesanais sobre a qualidade dos pontos de pesca da região.

Os pescadores artesanais atribuem o sucesso ou fracasso das atividades pesqueiras a algumas variáveis de condições ambientais como chuva, lua e maré. Os pescadores artesanais da Ilha do Mel (Estado do Paraná) relataram, também, as variáveis ambientais como fatores que interferem na pesca como, por exemplo, o estado do mar (as marés) e o clima (condições do vento e chuva) (FUZZETTI & CORRÊA, 2009). Estes fatores são importantes nas tomadas de decisão como, por exemplo, os pontos de pesca a serem utilizados, os métodos mais adequados, as espécies-alvo a serem capturadas, etc. Porém, a opinião dos pescadores a respeito destas variáveis mostrou-se variada entre as comunidades estudadas.

A figura 2 mostra a variedade de opiniões sobre a influência da lua na atividade pesqueira dos municípios estudados.

Embora as opiniões tenham se mostrado variadas, estudos sobre produtividade pesqueira realizados através de amostragem de desembarques pesqueiros da pesca artesanal têm mostrado a possível influencia da lua. Ramires & Barrella (2003), verificaram através de análises de Captura por Unidade de Esforço (CPUE) a influência das variáveis chuva, lua e maré no rendimento da pesca de comunidades caiçaras da Estação Ecológica de Juréia Itatins (SP). Clauzet (2000) também realizou análises da atividade pesqueira relacionadas a variáveis ambientais em Ubatuba (SP) e mostrou que os desembarques pesqueiros amostrados renderam mais durante as fases de lua crescente e na maré baixa. Segundo os pescadores entrevistados a

maré também tem forte influência na pesca e mais uma vez a opinião dos pescadores mostrou se variada. Nos municípios de Iguape, Peruíbe e Ilha Comprida a maré alta é a melhor, enquanto que em Cananéia, a melhor é a maré média. Nos municípios de Registro e Juquiá a maré não influi, pois são municípios localizados mais ao interior e distante da costa marítima

Os pescadores de Iguape, Cananéia e Peruíbe, em sua maioria preferem pescar em épocas de seca, ou seja, sem chuva. Já os pescadores de Ilha Comprida e registro preferem pescar com chuva.

No trabalho de Ramires & Barrella (2003), realizado na Estação Ecológica de Juréia Itatins, os pescadores apontaram a chuva e o vento como fatores modificadores das condições ambientais. As más condições do tempo dificultam o trabalho por tornar o tráfico de embarcações perigoso, uma vez que a chuva e o vento, na maioria das vezes, deixam as barras dos rios e o mar agitados. Tendo em vista o perigo, os pescadores evitam sair com suas embarcações quando esta chovendo ou ventando muito.

Begossi (1992), em seu trabalho realizado na Ilha de Búzios (SP), mostrou que a chuva não interferiu na atividade pesqueira, enquanto que o vento forte de setembro e outubro foi um fator limitante para a pesca desta comunidade porque as canoas usadas eram pequenas e nos dias em que o tempo estava ruim devido à atividade do vento, o risco era maior fazendo com que estas variáveis interferissem no rendimento pesqueiro da comunidade estudada em relação ao número de desembarques realizados.

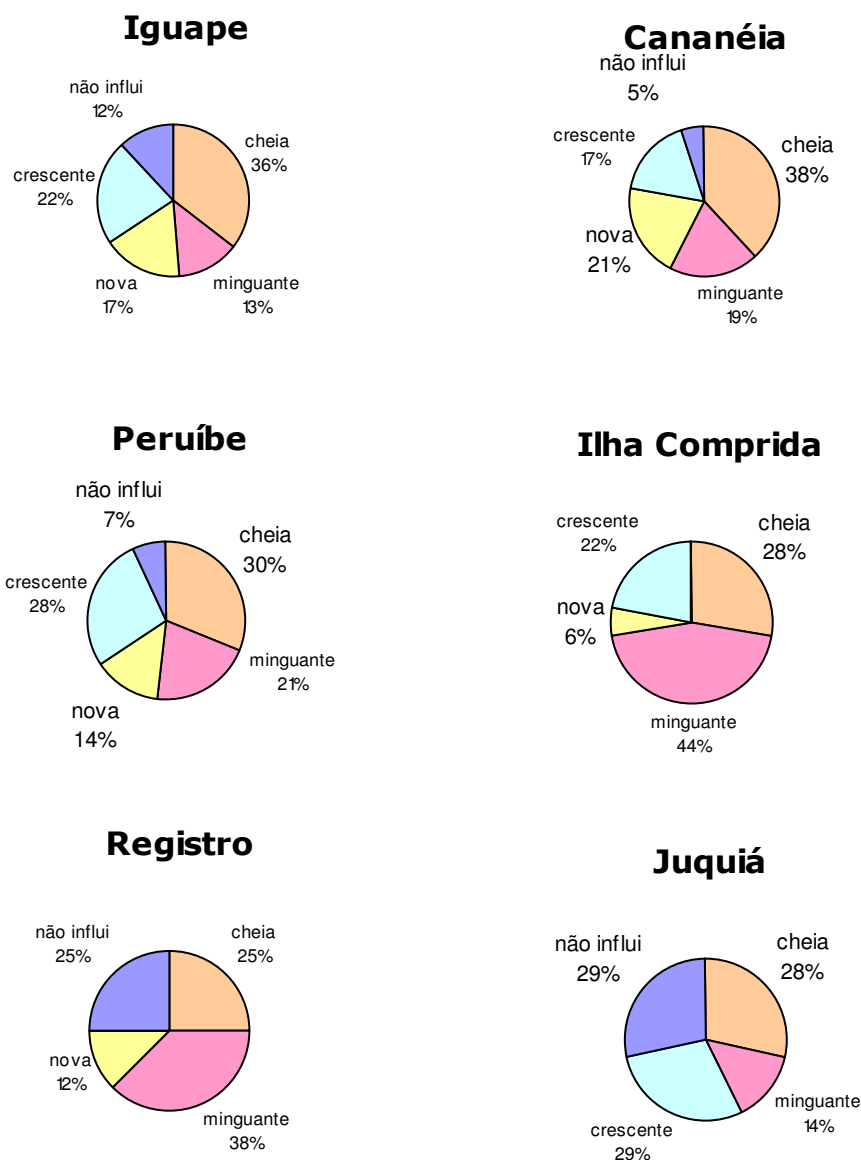


Figura 2: Opinião dos Pescadores sobre a Influência da lua na atividade pesqueira

4. CONCLUSÃO

A pesca artesanal desenvolvida no Litoral Sul e Vale do Ribeira apresenta características peculiares da cultura caiçara, sendo esta de pequena escala e realizada de maneira artesanal. Os ambientes explorados diariamente pela maioria dos pescadores entrevistados nas regiões estudadas mostram-se como um importante meio de subsistência para estas comunidades que se desenvolvem no seu entorno, entretanto a pesca artesanal não é a única atividade econômica desenvolvida pelos pescadores. Faz-se necessário o desenvolvimento de um plano de manejo e conservação dos recursos naturais nas regiões estudadas para que se torne sustentável a pesca e a permanência dessas comunidades e que promova a valorização do pescador tradicional

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEGOSSI, A. 1992. Fishing Actives and Strategies at Búgios Island (Brazil). IN: Fisheries Resource Utilization and Policy. Athens, Greece.
- BEGOSSI, A.; MADÍ, E.; FONSECA, M.; BRANCO, P.C.; SILVANO, R.A.M. (sem data). Pesca e Consumo de Pescado: Uso de Recursos por Populações Ribeirinhas do Piracicaba. NEPAM: caderno 2: Qualidade Ambiental e Desenvolvimento Regional nas Bacias dos Rios Piracicaba e Capivari. Projeto temático: FAPESP 93/3510-4.
- BORGHETTI, J. R. 2000. Estimativa da pesca e aqüicultura de água doce e marinha. Brasília, DF: Instituto de Pesca/APTA/SAA. p. 8-14. (Série Relatório Técnico, n. 3).
- BRASIL Decreto - Lei nº 221, de 28 de Fevereiro de 1967. Dispõe sobre a proteção e estímulos a pesca. Disponível em:

- <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/De10221.htm.pdf>. Acesso em: 03 de setembro de 2011
- BRASIL. Lei nº 11.165, de 27 DE junho de 2002 Institui o Código de Pesca e Aquicultura do Estado de São Paulo Disponível em: <<http://www.ambiente.sp.gov.br/legislacao/estadual/leis/2002%20Le%2011165.pdf>>. Acesso em: 10 de agosto de 2011
- BRANDÃO, F.C & SILVA, L.M.A. 2008. Conhecimento Ecológico Tradicional dos pescadores da floresta nacional do Amapá. UAKARI, v.4, n.2, p.55-66.
- CLAUZET, M. 2000. Ecologia da Pesca Artesanal de uma Comunidade Caiçara de Ubatuba (SP). Relatório final de iniciação científica PUC-SP. FAPESP. 87p.
- CLAUZET, M.; RAMIRES, M. & BARRELLA, W. Pesca artesanal e conhecimento local de duas populações caiçaras (Enseada do Mar Virado e Barra do Una) no litoral de São Paulo, Brasil. A Linguagem da Ciência, n.4, maio de 2005
- DIEGUES, A.C.S. 1988. A Pesca Artesanal no Litoral Brasileiro: Cenários e Estratégias para sua Sobrevivência. Instituto Oceanográfico. Cidade Universitária. São Paulo.
- DIEGUES, A.C.S. 1993. O Movimento Social dos Pescadores Artesanais Brasileiros. CEMAR: Centro de Culturas Marítimas. Série Documentos e Relatórios de Pesquisa no. 8. Universidade de São Paulo. São Paulo/SP.
- DIEGUES, A.C.S. 1995. Povos e Mares: Leituras em Sócio- Antropologia Marítima. São Paulo, NUPAUB- USP.
- DIEGUES, A.C.S. 1998. O Mito Moderno da Natureza Intocada .Ed. HUCITEC. São Paulo.
- DIEGUES, A. C. 2004. A pesca construindo sociedades: Leituras em antropologia marítima e pesqueira. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras/USP, 315p
- FUZETTI, L. & CORRÊA, M.F.M. 2009. Perfil e Renda dos Pescadores Artesanais e das Vilas da Ilha do Mel, Paraná – Brasil. Boletim Instituto de Pesca, São Paulo, 35(4): 609 – 621.
- ISA (Instituto Socioambiental) – Diagnóstico Socioambiental do vale do Ribeira. João Paulo Capobianco (Coord). São Paulo: ISA, 1998
- MALDONADO, S.C. 1986. Pescadores do Mar. Ed. Ática.
- MALDONADO, W. 1997. Comunidades Caiçaras e o Parques Estadual de Ilhabela. IN: Diegues, A.C.S. (org). Ilhas e Sociedades Insulares. NUPAUB-USP. São Paulo, Brasil.
- MARQUES, J. G. W. 2001. Pescando Pescadores: Ciência e Etnociência em uma Perspectiva Ecológica. 2ª ed. São Paulo: NUPAUB-USP.
- MARQUES, P.E.M & FERRARINI, O.G. 2007. Perspectivas em Concorrência: Estudo de Conflitos em torno de Projetos de Desenvolvimento no Vale do Ribeira. Tese apresentada na Universidade de São Paulo (USP).
- MONTEIRO – NETO; et al.2010. Estudo Preliminar da Sustentabilidade de três sistemas de pesca artesanal do Estado do Rio de Janeiro. In: III CONGRESSO BRASILEIRO DE OCEANOGRAFIA, 2010, Rio Grande do Sul
- OLIVEIRA, E. R.; Populações humanas na Estação Ecológica Juréia-Itatins. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras/USP, Ser. Relat. Pesq. n.º 02, 2004, 50p. Disponível em: <http://www.usp.br/nupaub/jureiaitatins.pdf>. Acesso em 06 abr. 2010
- RAMIRES, M. e BARRELLA, W. 2003. Ecologia da Pesca Artesanal em Populações Caiçaras da Estação Ecológica DE Juréia-Itatins, São Paulo, Brasil. Interciência 28 (4): 208-213.
- SANCHES R.A. 1997. Caiçaras e a Estação Ecológica de Juréia-Itatins (Litoral Sul de São Paulo: Uma Abordagem Etnográfica e Ecológica para o Estudo da Relação Homem - Meio Ambiente. Dissertação. Universidade de São Paulo. Brasil.
- SÃO PAULO. 1998. Secretaria de estado do Meio Ambiente. Diagnóstico Ambiental Participativo do Vale do Ribeira e Litoral Sul de São Paulo: Subsídios para Discussão de Plano de Ação Governamental para o Desenvolvimento Sustentável. IBAMA, UNICAMP. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente
- SILVA, T.E.; TAKAHASHI, L.T.; VERAS, F.A.V. 1990. As Várzeas Ameaçadas: Um Estudo Preliminar das Relações entre as Comunidades Humanas e o Recursos Naturais da Várzea da Marituba no Rio São Francisco. Programa de Pesquisas e Conservação de Áreas Úmidas no Brasil.
- SEIXAS, C. S.; BEGOSSI, A. Central Place optimal foraging theory: populations and individual analyses of fishing strategies at Aventureiro (Ilha Grande, Brazil). Ciência e Cultura 52(2): 85-92. 2000
- SILVA, M.C.; et al.2007. Caracterização Socioeconômica da pesca artesanal no município de conceição do Araguaia, Estado do Pará. Curso de Licenciatura em Ciências Naturais pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Campus de Marabá.Amazônia: Ci. & Desenv. Belém, v. 2, n. 4, jan./jun. 2007
- SOUZA, M. R; Etnoconhecimento caiçara e uso de recursos pesqueiros por pescadores artesanais e esportivos no Vale do Ribeira. 2004. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia de Agrossistemas) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba, SP, 2004
- VASCONCELOS, M.; DIEGUES; A. C. S. A.; SALES, R. R. 2007. Limites e possibilidades na gestão da pesca artesanal costeira. In: Costa, A. L. (Org.) Nas Redes da Pesca Artesanal, Brasília: IBAMA – MMA.
- VIEIRA, J. P. E CASTELLO, J. P. & PEREIRA, L. E. Ictiofauna. In: Os ecossistemas costeiros e marinhos do extremo Sul do Brasil. Ecoscientia, Rio Grande, 1998